

CONSTRUÇÃO COM TERRA NO 'CENTRO AMBIENTAL DE CABAÇOS – TERRA, VENTO, FOGO E ÁGUA'

Ricardo Pires (RP)

'Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água'
Aldeia de Cabaços, caixa postal 7185, 7630-353 Relíquias, Odemira

Tel. (CAC): (+351) 283 635 106; (RP): 965 303 674

E-mail (CAC): cacabacos@clix.pt; (RP) odracirpirex@hotmail.com

Site (CAC): <http://CAC.planetaclix.pt>

Tema 4: Arquitectura vernácula e contemporânea

Palavras-chave: Construção em terra crua

Resumo

Em meados dos anos noventa, Emmanuel e Juliane Gounden mudam-se de *armas e bagagens* para a aldeia de Cabaços, no Concelho de Odemira. Sem habilitações profissionais na área da construção civil, mas fazendo uso de larga experiência prática, iniciam a sua actividade na recuperação de uma casa em taipa, existente num lote de terreno com cerca de um hectare e meio de área, que por essa altura adquirem.

Quinze anos passados, a família Gounden conta agora, só na sua propriedade, com mais de dez edificações erguidas à base de terra e madeira: as casas *Emil, Maya, Sammy e Tony* – uma para cada filho, sendo que o mais velho tem hoje quinze anos de idade –, o seminário – uma casa com cozinha e sala comunitárias –, o *templo* – espaço de cura e meditação –, três casas de abrigo – para receber visitantes e aprendizes de construção –, uma casa em blocos de taipa – fruto de um dos vários cursos de construção em terra que ali tiveram lugar –, uma pequena sauna turca em terra crua (no exterior), e uma piscina, resultante do vazio criado pelas escavações de terra usada na construção das primeiras habitações. Contas feitas, a aldeia cresceu, a família está maior.

Mas o que torna então, estas habitações unifamiliares, num paradigma interessante ao nível da construção em terra existente no nosso país?

Digamos que, a grande particularidade destas habitações incide precisamente no facto de não se tratarem apenas de casas em terra – feitas a partir de materiais e técnicas não normalizadas –, mas sobretudo, por terem sido pensadas e (auto)realizadas de acordo com um *modo de vida* comunitário. Tratam-se, sem dúvida alguma, de construções de baixo impacto ambiental quer pela fácil integração e diálogo que estabelecem com a paisagem (rural) alentejana, quer pelos materiais naturais que as compõem, na sua maioria de origem local: terra batida, comprimida (adobe) ou misturada com palha, madeira, cortiça, canas, lã de ovelha, cal (viva, hidratada ou hidráulica), estrume de vaca, óleo de linhaça, soro de leite, água, etc. São casas de piso térreo, de tipologias simples e de custo económico reduzido, não só por tirarem partido da terra disponível no próprio lugar, mas também por fazerem uso de madeira, que não é de primeira qualidade, e reutilizarem portas e envidraçados. Contudo, beneficiam no seu espaço interior, de todo o luxo ao nível do conforto térmico e acústico. Para além disso, possuem uma grande vantagem: são edificações reversíveis, e por isso, sustentáveis.

É justamente a procura de sustentabilidade na área da construção ecológica, que leva os Gounden, no ano de 2009, a constituírem-se enquanto associação juvenil (sem fins lucrativos), dando início ao "Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água". Desde então, têm continuado a partilhar – com todos aqueles que por Cabaços passam – os seus conhecimentos práticos e teóricos, fruto do seu trabalho pessoal desenvolvido ao longo de vários anos.

O objectivo desta comunicação é dar a conhecer o modo de construir da família Gounden aplicado em diversas edificações *levantadas* no CAC procurando estabelecer um paralelo, a partir deste modelo construtivo tão particular, com os conceitos de arquitecturas vernácula e contemporânea.

MODO DE CONSTRUÇÃO OU MODO DE VIDA?



Fig.1 – O Seminário, no Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água, em Cabaços, Odemira, Portugal. (Crédito: Ricardo Pires, 2009).

“(...) Viviam José e Maria num lugarejo chamado Nazaré, terra de pouco e de poucos, na região da Galileia, em uma casa igual a quase todas, como um cubo torto feito de tijolos de barro, pobre entre pobres. Invenções de arte arquitectónica, nenhuma, apenas a banalidade uniforme de um modelo incansavelmente repetido. Com o propósito de poupar alguma coisa nos materiais, tinham-na construído na encosta da colina, apoiada ao declive, escavado pelo lado de dentro, deste modo criando uma parede completa, a fundeia, com a vantagem adicional de ficar facilitado o acesso à açoteia que formava o tecto (...)” (Saramago, 1991, p.29).

Uma das premissas fundamentais à evolução de um determinado modo de construir é, sem dúvida alguma, o entendimento profundo e rigoroso do seu contexto específico. O acto de construir uma habitação em terra – *in situ* – implica, antes de mais, conhecer uma série de variáveis, as quais ao mesmo tempo limitam-no e enriquecem-no, trazendo-lhe vantagens e desvantagens enquanto sistema construtivo.

Das inúmeras variáveis que poderemos encontrar ao longo desse processo, gostaria de identificar aquelas que, quanto a mim, tornaram possível o “sucesso” das construções em terra crua no ‘Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água’⁽¹⁾:

1. Localização: onde fica o CAC? Situado em plena “cena” rural, no Baixo Alentejo, o CAC localiza-se na aldeia que lhe deu nome – Cabaços –, na freguesia de Relíquias⁽²⁾, aproximadamente a vinte quilómetros para Nordeste da cidade de Odemira (capital de Concelho) e a duzentos quilómetros para Sudeste de Lisboa;
2. Dimensão do lote: O CAC está implantado num lote de terreno com cerca de um hectare e meio de área;
3. Programa e dimensões: à excepção dos espaços comuns – o *Templo* e o *Seminário* –, a maioria das habitações construídas no lote são de carácter unifamiliar; têm áreas (brutas) que variam entre os cinquenta e os cem metros quadrados implantadas, na sua maioria, num único piso térreo;

4. Características (aparentes) do solo: composição argilosa, de cor amarelada, rico em óxidos de ferro hidratado – provenientes do Vale (Ferro) onde se encontra –, contendo alguma quantidade de pedra; trata-se de um solo com excelente densidade para o uso em técnicas de terra batida, em particular a taipa (Minke, 2005, p.25);
5. Disponibilidade do material (terra): todas as construções foram “levantadas” com recurso a terra extraída do próprio lote, o que reduziu a necessidade do recurso a transportes de mercadorias automóvel; este factor diminuiu não só o custo económico total das construções em causa, como minimizou também os seus impactos ambientais directos e indirectos;
6. (Auto) construção: todas as casas são propriedade de Emmanuel e Juliane Gounden ⁽³⁾; Foram sendo imaginadas, pensadas e erguidas por si, ao longo de mais de uma década, com a ajuda de amigos, curiosos e amantes da construção em terra (crua); são portanto, o resultado material da vontade própria e do empenho de um conjunto de pessoas a trabalhar em equipa de forma organizada.

Foram estas mesmas condições – aliadas a uma vasta experiência prática e empírica na área da construção civil –, que levaram os Gounden a mudarem-se de “armas e bagagens” para a aldeia de Cabaços em meados dos anos noventa, lançando-se na recuperação de uma ruína em taipa, de resto, a única existente no lote que por essa altura adquirem.

Cerca de quinze anos mais tarde, o casal conta agora – só na sua propriedade –, com mais de uma dezena de edificações à base de terra, madeira e materiais de origem natural: as casas *Emil*, *Maya*, *Sammy* e *Tony* – uma para cada filho, actualmente com idades compreendidas entre os quatro e os quinze anos –, o *Seminário* – uma casa de madeira onde funcionam a cozinha e sala comunitárias –, o *Templo* – um espaço de cura e meditação –, três casas de abrigos – para visitantes, aprendizes de construção ou caminhantes –, uma casa em blocos de taipa – fruto de um dos vários cursos de construção em terra que ali já tiveram lugar –, a Biblioteca e o escritório do CAC – abertos ao público em geral –, uma pequena sauna turca em terra crua (no exterior), e uma piscina, resultante do vazio criado pelas escavações de terra usada na construção das primeiras habitações. Contas feitas, a aldeia cresceu, a família está maior.

Mas o que torna estas construções unifamiliares num paradigma interessante ao nível da construção em terra existente no nosso país?

Antes de mais, o facto do seu processo de execução distanciar-se – de forma clara e intencional por parte dos seus (auto) construtores – dos vigentes meios (legal, jurídico e financeiro) de construção convencional. Tratam-se de habitações realizadas de uma forma completamente autónoma pelos mesmos proprietários (os Gounden), sem o recurso – prévio – a qualquer tipo de projectos de arquitectura, de engenharia ou de especialidades. Assim, em substituição desses mesmos planos – desenhados, escritos e definidos com o rigor (comum) de um caderno de encargos –, os Gounden fazem uso daquilo a que se designa por *praxis*, aproximando-o de forma estreita ao “saber-fazer” próprio do modo artesanal.

Mais do que um qualquer modo de construção, trata-se sobretudo de um ofício diário, que se (con)funde com o próprio modo de vida desta família. Um labor que vai acontecendo sem a pressão do tempo – não se conhece por Cabaços o significado da palavra *deadline*! Pelo contrário, as construções vão sendo desenvolvidas numa espécie de “cenário-de-guerra-e-paz”, ao ritmo do “relógio biológico” das diversas pessoas que pelo CAC vão passando.

Exemplo disso, são os cursos de formação em Construção com Terra Crua⁽⁴⁾ que decorrem cerca de duas vezes por ano no CAC. São encontros de carácter não formal e com uma boa dose de espontaneidade, onde qualquer pessoa – independentemente da sua idade, sexo, estatura física, experiência de vida, habilitações escolares ou área profissional –, tem a oportunidade de experimentar *per si*, diversos modos de fazer aplicáveis à construção em terra crua.

Entre outros temas, os conteúdos dos cursos abordam o seguinte: 1. encontrar a matéria-prima (terra); 2. analisar a qualidade e escolher os aditivos para melhorar a terra enquanto material construtivo; 3. execução de pavimentos, rebocos e coberturas em terra; 4. dar forma artística e côr à casa; 5. ligar o material terra com materiais industriais; 6. técnicas de trabalho em equipa com terra crua (a taipa); 7. carácter ecológico da construção com terra crua; 9. experimentar as vantagens de viver numa casa em terra – condições ideais de conforto térmico, bioclimático e de saúde (viver em ligação com a Natureza).

Tendo uma duração média de doze dias, são cursos com uma forte componente prática (cerca de 90%), onde cada um é convidado a – literalmente – “pôr as mãos na massa”. Poderemos mesmo afirmar, que se tratam de uma espécie de oficinas anti-“*techné*”⁽⁵⁾. Isto é, que procuram não repetir modos predefinidos de fazer ou aplicar um qualquer material construtivo, privilegiando ao invés disso, o acaso e a capacidade de construção intuitiva de cada indivíduo. É aliás esse, um dos objectivos dos cursos do CAC: incentivar os participantes a descobrirem a sua própria maneira de trabalhar a terra – aquilo a que poderemos designar por “técnica pessoal” –, e assim, dotá-los de ferramentas úteis e aplicáveis aos seus interesses, à sua imaginação e aos seus sonhos e ambições pessoais dentro do saber (auto) construir com terra crua.

No fundo, aquilo que se procura transmitir nestes breves encontros, são sobretudo saberes e conhecimentos tradicionais, com origem nas inúmeras formas ancestrais de construir com terra. A grande particularidade é que no CAC não se guardam “segredos”; a partilha dessa mesma sabedoria – que de resto a ninguém pertence, mas que é do interesse de todos preservar –, é feita em grande parte através da palavra dita, a mesma que é falada no dia-a-dia, na mesma oralidade de tempos idos. Tudo em plena “conversa-aberta”, (sempre) colectiva, na qual se esbatem por completo qualquer tipo de diferenças possíveis de existir entre mestre e aprendizes.

2. ARQUITECTURA (?) VERNÁCULA E/OU CONTEMPORÂNEA (?)

“Vernáculo: adj. (do lat. *vernaculus*, indígena) 1. Próprio do país ou região de que faz parte; nacional. 2. fig. Genuíno, correcto e puro, sem qualquer influência do estrangeiro. (...)” (VA, Grande Dicionário Enciclopédico, vol. XV, p. 78).

“Vernacular architecture does not go through fashion cycles. It is nearly immutable, indeed, unimprovable, since it serves its purpose to perfection.” (Bernard, 1971, p.1).

Em que contexto se enquadram então as edificações realizadas pelos Gounden? Poderemos defini-las enquanto exemplos de arquitectura (vernácula)? E que características partilham estas com a arquitectura contemporânea?

Para responder de forma clara a estas e a outras questões, proponho-me analisar e comentar, sucintamente, algumas das partes que poderão constituir de forma genérica a “habitação-tipo” construída no ‘Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água’:



Fig.2 – Casa em taipa e estrutura anexa em construção: madeira sobre fundações à base de cal hidráulica, areia e pedra calcária, no ‘Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água’, em Cabaços, Odemira, Portugal. (Crédito: Ricardo Pires, 2009).



Fig.3 – Casa em construção no ‘Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água’, em Cabaços, Odemira, Portugal. (Crédito: Ricardo Pires, 2009).

Fundações: (na sua maioria) as fundações das casas são contínuas; são construídas em todo o seu perímetro exterior, sendo feitas com base em alvenaria de pedras calcárias (ligadas com uma argamassa de cal hidráulica e areia nas devidas

proporções); estas elevam-se cerca de cinquenta centímetros de altura a partir do solo, e têm dimensão semelhante na sua largura. No interior do seu perímetro, são colocadas algumas camadas sobrepostas dos seguintes materiais (do solo para cima, respectivamente): pedra calcária, brita, (desperdícios de) cortiça ou lã de ovelha (no estado natural), seguindo-se o pavimento final (ver ‘pavimentos’);

Pavimentos: podem ser encontrados no CAC os seguintes pavimentos: 1. terra com palha e/ou serradura e água, sendo que alguns são acabados com uma argamassa de estrume de vaca (aplicada em várias camadas sobre a própria terra ou sobre serapilheira); 2. ladrilhos (cerâmica refractária); 3. madeira (soalho de pinho, impregnado com óleo de linhaça);

Paredes: 1. blocos de terra batida, segundo o método tradicional de taipa, deixados na sua forma aparente ou caiados; 2. sistema (estrutural) “ pilar-viga” em madeira “leve”, semelhante à *taipa de pilão* (caixa externa) e *taipa de pau-a-pique* (divisórias interiores); 3. sistema (estrutural) de gaiola (semelhante ao usado pela arquitectura pombalina);

Enchimentos: existem diferentes exemplos de enchimento de paredes no CAC: 1. argamassa de terra e palha (mescla de terra fina, palha, soro de leite e água) aplicada à mão – “técnica-de-atirar” – ou com colher e espátula, em várias camadas sobrepostas; 2. argamassa de terra e cal e/ou bosta de vaca (com soro de leite e água); 3. “pães de terra” (bolas de terra feitas à mão, compostas por terra, cal e água) sobrepostos em camadas, assentes com uma argamassa fina de barro “puro” entre si; 4. adobes (tijolos de terra crua, cal e/ou palha e água) com dimensões variáveis – no CAC é comum usarem-se embalagens *tetra-pack*, para dar forma aos adobes; 5. toros de árvores (locais), como o sobreiro, o pinheiro ou o eucalipto, empilhados na vertical e assentes com uma argamassa de argila “fina”; 6. troncos de eucaliptos ou pilares de madeira aparada, colocados (lado-a-lado) a prumo.

Coberturas: (pelo exterior) são feitas de acordo com o modo tradicional, na sua maioria com uma inclinação de duas águas, revestidas a telha (de aba e canudo ou Marselha) ou por uma camada fina de “terra-solo”, colocada sobre uma tela impermeável de polietileno (3 mm); [esta aplicação de extrema simplicidade, fruto da escassez de meios de quem constrói (neste caso da família Gounden) é a ideal devido aos factores climáticos desta região Alentejana (clima seco, temperaturas elevadas e fraca pluviosidade), apresentando algumas parecenças formais com as coberturas de salão, existentes na ilha de Porto Santo, na Madeira (Mestre, 2005, p.66)]. Todas as coberturas das casas construídas no CAC, terminam com um beiral, que se entende entre 30 cm a 50 cm para além do limite das paredes exteriores, o qual funciona como uma protecção eficaz contra a acção da água da chuva e da humidade; (pelo interior) as coberturas são compostas por asnas e vigas de madeira, as quais “pousam” sobre um “anel” de madeira, construído no topo das paredes estruturais (caixa exterior) em madeira ou taipa; por norma, o isolamento é feito pelo interior, com (desperdícios de) cortiça e/ou lã de ovelha embebida previamente em cal (viva), os quais são colocados no interior de uma forra de madeira (protegida com óleo de linhaça);

Portas e envidraçados: Todos as portas e envidraçados das diversas as (incluindo algumas “portas-janelas” provenientes de aparelhos de máquina de lavar roupa ou de microondas) são reutilizados, tendo sido respigados ou adquiridos em *segunda mão*. Contudo, a maioria das caixilharias (em madeira maciça ou alumínio) possuem vidros duplos com corte térmico, e encontram-se em perfeitas condições de uso.

Revestimentos: (tanto nas superfícies exteriores como nas interiores) existem rebocos de parede com argamassas à base de terra, soro de leite e água enriquecidas – conforme a necessidade de se encontrar um equilíbrio térmico e uma aparência estética que se deseje obter –, com palha, serradura ou aparas de madeira, estrume de vaca, areia, cascalho, etc.; É também bastante comum, adicionarem-se a estas argamassas outros dois materiais: óleo de linhaça ou cal hidráulica, no caso em que as superfícies exteriores a revestir se encontrem viradas a norte, e como tal, demasiado exposta às acções da chuva, humidade e vento fortes.

Em algumas casas, os rebocos exteriores foram preteridos em função de um revestimento feito com tábuas de madeira (seca), aparafusadas na horizontal à estrutura em madeira, aplicadas com uma ligeira sobreposição entre si; posteriormente, foram pulverizadas com óleo de linhaça e queimadas (ligeiramente) com maçarico, de modo a protegê-las da acção de térmitas e de fungos.

Pinturas: (no exterior) regra geral, as casas permanecem com dois tipos de acabamento: 1. rebocos de terra à vista, sem qualquer tipo de pintura; 2. cal caiada; (no interior) as superfícies das paredes são pintadas com várias camadas de tinta ⁽⁵⁾ (uma mistura de água, cal viva/hidratada ou gesso, soro de leite e o pigmento na côr desejada).

Que poderemos concluir acerca desta espécie de “sistema construtivo” usado pelos Gounden? Que princípios lhes são subjacentes?

Existem a meu ver, três princípios gerais que o caracterizam: primeiro que tudo, o seu carácter “cooperativo”, levado a cabo pela máxima “Fazei o que gostaríeis que vos fizessem” (Fathy, 1971, p.129). Em Cabaços as vantagens de construir em comunidade estão bem à vista: “Primeiro do que tudo, uma aldeia construída pelos seus habitantes será um organismo vivo capaz de continuar a viver e a crescer, ao passo que uma aldeia construída por profissionais contratados será uma coisa morta que cairá aos bocados mal o último construtor se for embora. Em segundo lugar, uma aldeia construída em cooperação ficará muito mais barata do que se for necessário remunerar o trabalho (...)” (Fathy, 1971, p.129).

Este primeiro, leva-nos a um segundo princípio: trata-se de um “método” que definitivamente não segue as regras ou normas de construção *standart*; ao invés disso, tem como base uma aplicação verdadeiramente empírica de materiais de origem “local ou regional em resposta ao meio ambiente” (Lopes, Correia, 2004, pp.285-288). Isso ajuda a torná-lo num método construtivo relativamente barato e simplificado - o que reduz a necessidade de mão-de-obra especializada e profissional - e acessível a qualquer pessoa interessada em aprender a construir com terra.

Por último, há que notar que este modelo faz uso de uma ferramenta única: o tempo. A ausência de prazos ou metas impostas por terceiros na finalização de cada casa /construção implantada no lote do CAC – uma espécie de estaleiro *non-finito* –, senão os que provêm da vontade e da motivação (individual e colectiva) diárias, em construir uma pequena “aldeia” em (T)terra, tornam-no na minha opinião, num exemplo único e excepcional de edificação comunitária existente em território nacional.

Estes parecem-me ser alguns dos princípios que aproximam estas mesmas habitações do lado “genuíno” da arquitectura vernácula, com forte presença na região Alentejana. Mas serão estas mesmas, arquitecturas vernáculas no seu sentido “puro”, isto é, “sem qualquer influência do estrangeiro”?

De facto, se observarmos o conjunto das obras existentes no CAC, poderemos facilmente concluir que existe da parte dos Gounden um verdadeiro conhecimento das condições ambientais (adversas /favoráveis em termos climáticos), e dos recursos (humanos e sociais) existentes no contexto específico em que se instalaram. Foi justamente a sua capacidade de “saber ver” os problemas /potencialidades de um lugar (Cabaços) e de uma região (Alentejo), – identificando os modelos de construção vernácula e tradicional locais –, que os levou num primeiro momento, a dar continuidade a “um modo de construir emanado da própria comunidade” (Lopes, C., 2004, pp.285-288), para mais tarde aprimorá-lo e adaptá-lo, em termos de técnica, de função e de eficácia, à sua própria maneira de fazer. Exemplos disso são:

1. A introdução de matérias de origem natural (pedra calcária, cascalho, cortiça, lã de ovelha, estrume de vaca, serradura, etc.) enquanto inertes de isolamentos térmico e capilar, procurando dessa maneira, dar resposta à falta de rigor e conhecimentos técnicos de quem construía, mais concretamente no seu uso eficaz aplicado à construção da fundação e da cobertura de uma casa em terra;

2. A construção de um “anel” (contínuo) com vigas de madeira, que fica (literalmente) “pousado” – sem qualquer tipo de fixação ou travamento vertical –, no topo das paredes do perímetro exterior da casa, sobre o qual descarrega todo o peso da cobertura. A construção desta “moldura”, ganha particular relevância na (re) construção de casas tradicionais em terra – nas quais é comum encontrarmos as vigas da cobertura embutidas nos blocos de taipa –, uma vez que esta liberta a parte estrutural da cobertura das próprias paredes, permitindo dessa forma que ambas as partes possam funcionar de forma independente. Assim (em teoria), a cobertura passa a ter total autonomia para “dançar” sobre as paredes, minimizando os impactos directos ou colaterais provocados em caso de sismo ou semelhantes fenómenos naturais;

Certo será afirmar que a “raiz” das construções do CAC está nas invenções da arquitectura vernácula – resultado da sua “coerência de estilo, de forma e de aspecto” próprios do “(...) uso de tipos arquitectónicos tradicionalmente estabelecidos(...)” (Lopes; Correia, 2004, pp.285-288). Contudo, se as olharmos um pouco mais em profundidade, encontraremos em si – nas materialidade e espacialidade de cada casa – uma ambição sublime de ir para além dos limites formais dessa mesma condição. Isto é, existe nestas casas quanto a mim, uma vontade inerente de testar esses mesmos conceitos arquitectónicos – vernáculo e tradicional –, quer em termos estruturais – na forma de ligar e “equilibrar” o conjunto destas construções –, quer tipológicos – na organização do seu espaço interior, maioritariamente em *open space*.

Quanto às características contemporâneas destas habitações, a “ponte” faz-se sobretudo pela forte presença dos envidraçados de amplas dimensões na composição formal das casas. Por um lado, a introdução destes elementos (industriais), favorecem os ganhos solares directos no interior das casas, e conseqüentemente aumentam o conforto térmico (passivo) e a sua eficiência energética. Por outro lado, transformam profundamente a relação entre os espaços interior e exterior, alterando por completo a (tradicional) relação (vernácula) entre o habitante e a paisagem rural envolvente. Respondem dessa maneira a um novo tipo de vivências e exigências contemporâneas.

Não serão afinal, a forte presença de luz, o conforto térmico e o enquadramento visual da paisagem envolvente, elementos arquitectónicos de excelência contemporânea? Não serão estes os pilares da Arquitectura de qualidade (intemporal!) dos nossos dias?

Para além disso, o actual interesse deste tipo de construções (em terra crua) está na sua valiosa contribuição para a protecção de “um legado extremamente vulnerável e ameaçado pela uniformização económica, cultural e arquitectónica a nível mundial” (Pedra&Cal n.º25, 2005, p.34) Estas são quanto mim, a prova real em como é perfeitamente realizável a difusão de habitações (auto-geridas) de baixo custo, tecnicamente eficazes e desburocratizadas, e como tal, acessíveis a um elevado número de pessoas da nossa sociedade.

No fundo, são habitações que apesar da sua aparente “marginalidade” – por existirem “à margem” dos actuais meios legais de regulamentação geral da edificação urbana – aparecem-nos quanto a mim, enquanto “arquitecturas liminares”, isto é, projectadas no espaço que há “entre” dois conceitos fundamentais da história da Arquitectura: o vernáculo e o contemporâneo. Arquitecturas modestas que, para além das suas estética, materialidade e reversibilidade “naturais”, poderemos dar-nos ao luxo de intitular-las de construções ecológicas e sustentáveis.



3. VALOR HUMANO

Independentemente de qualquer juízo de valor pessoal ou do rigor crítico do foro científico ou arquitectónico – estrutural, funcional e estético – que se possa proferir sobre as construções em terra erguidas no CAC, existe em si um valor intrínseco, que se prende com a riqueza daquilo que lá está, mas que num primeiro olhar não nos é dado a ver. Refiro-me mais concretamente, ao valor imaterial dessas mesmas edificações, adquirido ao longo do tempo pelo modo de fazer *tradicional* (leia-se habitual, contínuo e com relativo êxito alcançado) em colectivo, acto tão comum da arte de construir em terra. Para além das características técnicas e formais destas casas – forma, tipologia e materialidade –, elas comportam consigo as componentes humana e emocional, transmitidas pela clara consciência da parte dos Gounden da real interdependência entre a escala humana e a escala cósmica (Alegria. 1997, p.162), isto é, que as partes formam o todo.

Na minha opinião, estas construções têm a capacidade de nos fazerem lembrar o quanto se torna hoje necessário reaprendermos a importância do estímulo dos sentidos e do gesto (colectivo), deixando clara a necessidade da existência de uma visão holística na criação humana de um lugar, de uma casa, de uma aldeia ou de uma cidade.

Talvez seja por isso, que ao longo dos últimos quinze anos, já passaram pela aldeia de Cabaços algumas largas centenas de pessoas – profissionais ou meros curiosos

apaixonados pela construção em terra –, que com todas as suas diferenças culturais, religiosas ou políticas –, se disponibilizaram a fazer parte da construção de um lugar comunitário que existe muito para além da sua mera dimensão física. O CAC, é pois por excelência, um verdadeiro lugar de encontro, capaz de potenciar não só a troca e a partilha de experiências ligadas ao acto de construir com terra, como de comprovar a possibilidade de vivermos em profunda ligação à (T)terra. Um lugar em constante (re)construção pela família Gounden, segundo o princípio geral de uma “estética solidária”: “(...) (a) humildade de saber pôr a terra ao serviço do Homem, sem esquecer o Homem ao serviço da Terra” (Alegria, 1997, p.163).

E quem por lá um dia passar, no lugar de Cabaços, certamente não deixará de notar que, para além das formas das casas moldadas em terra pelos taipais – ao ritmo “paciente” do calor do sol alentejano –, o “Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água”, contém uma energia própria que emerge da vontade de construir uma comunidade. Algo de imensurável e inquantificável. Algo de eterno e sustentável no tempo. Aquilo a que naturalmente poderemos chamar de Património Humano.

Bibliografia

Alegria, J. (1997). Construir em terra no limiar do séc. XXI: não convencionalismo ou humanismo? *Diálogos da edificação. Estudo das técnicas tradicionais de construção*. Lisboa: Centro Regional de Artes Tradicionais (CRAT), p.162-165.

Bernard, R. (1973). *Architecture without architects*. New York: The Museum of Modern Art, p.1

Fathy, H. (1973). O sistema cooperativo. *Arquitetura para os pobres. Uma experiência no Egipto rural*. Lisboa: Argumentum, p.129.

Lopes, C. (2004). *Património arquitectónico e arqueológico. Cartas, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte, pp.285-288.

Mestre, V. (2005). Terra de Cobertura. Construções circulares com cobertura de terra (Alentejo) e coberturas de salão do Porto Santo (Madeira). *Arquiteturas de terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum, p.66-67.

Minke, G. (2005). 2. Propriedades de la tierra como material de construcción. 2.1.9. Densidad. *Manual de construcción en tierra. La tierra como material de construcción y su aplicación en la arquitectura actual*. Uruguay: Editorial Fin de siglo, p.25.

Peters, F. E. (1983). *Termos filosóficos gregos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 224.

Pinto, F. (1997). O nosso futuro terá que estar no nosso passado. *Diálogos da edificação. Estudo das técnicas tradicionais de construção*. Lisboa: Centro Regional de Artes Tradicionais (CRAT), p.148.

Saramago, J. (1991). *O evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, p.29.

Teixeira, G.; Belém, M. (1997). Prefácio. *Diálogos da edificação. Estudo das técnicas tradicionais de construção*. Lisboa: Centro Regional de Artes Tradicionais (CRAT), p.8.

VA (1999). Volume XXII. *Nova encicliopédia Larousse*. Lisboa: Círculo de Leitores, p.6944-6945.

Notas

(1) O 'Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água' é uma Associação Juvenil (ONGA), sem fins lucrativos, que tem como principais objectivos a educação ambiental e o desenvolvimento rural e local de forma sustentável, através das tradições artesanais e do intercâmbio entre pessoas de países de cultura europeia. Informações disponíveis em: [<http://CAC.planetaclix.pt>].

(2) A Freguesia de Relíquias, à qual pertence a aldeia de Cabaços, conta actualmente com uma população de 1108 habitantes, distribuídos numa área aproximada de 120,113 km².

(3) Emmanuel Gounden (1952) é natural da Guiana Inglesa. Professor de Matemática na Alemanha, trabalhou mais de trinta anos na área da construção civil em diversos países da América de Sul e nos EUA. Em 1992, fixou residência com a sua mulher, Juliane Gounden, na aldeia de Cabaços. Fundou uma empresa de construção e recuperação imobiliária, tendo construído nos últimos quinze anos cerca de trinta casas em terra, entre o Alentejo e o Algarve. É Presidente do CAC, onde desenvolve actividades ligadas à construção ecológica, de educação ambiental e social.

(4) "O uso contemporâneo da *techne* (no século de Platão) era descrever qualquer habilidade no fazer e mais especificamente, uma espécie de competência profissional oposta à capacidade instintiva ou ao mero acaso" (Peters, F. E., 1983, p. 224)

(5) Os cursos de construção em terra crua que decorrem anualmente no CAC, são uma das suas actividades regulares sem fins lucrativos.

(6) Uma vez que não se tratam de tintas industriais, é aconselhável a realização prévia de alguns testes de cor, bem como o cálculo relativo da quantidade a utilizar em determinado espaço.

Curriculum

Ricardo Pires, Arquitecto, Mestre em Arquitectura pela Universidade Autónoma de Lisboa (2007), Vice-Presidente do 'Centro Ambiental de Cabaços (CAC) – Terra, Vento, Fogo e Água'.